



Victoria Diniz Hosni <victoriahosni98@gmail.com>  
Graduanda no curso de psicologia da PUC-SP

## *Análise do Conto Perdoando Deus, de Clarice Lispector*

O presente artigo objetiva fazer uma leitura do conto Perdoando Deus, de Clarice Lispector, a partir da perspectiva junguiana. Os conceitos de símbolo, persona, sombra, individuação e Self foram apresentados e relacionados com passagens do conto, estabelecendo um possível diálogo com a Psicologia Analítica.

*Perdoando Deus* é um dos contos que compõem o livro *Felicidade Clandestina*, publicado em 1971. Assim como na maioria dos textos de Clarice Lispector, neste conto o leitor é levado a um mergulho profundo nas reflexões internas que a protagonista faz a respeito de si mesma. Andando na rua sem nenhum objetivo específico, a personagem percebe-se invadida por um sentimento muito intenso e diferente de tudo o que já havia sentido antes. Não sabemos como ela se chama, quem ela é nem quais são suas características físicas. O texto é narrado em primeira pessoa e o leitor vê-se arrastado para o interior desta completa desconhecida, com quem é estabelecida, quase que de repente, uma relação de profunda intimidade.

A personagem estava andando na rua e é invadida por uma sensação muito forte de carinho profundo e intenso por tudo que existe. Sente-se a mãe de Deus, a mãe do mundo, conectada com a vida que a cerca. Isso tudo, porém, desmancha-se drasticamente quando depara-se com um rato morto no meio na rua, que lhe provoca intenso asco. Ela revela ter um medo desmesurado de ratos e ver um ali, jogado à sua frente, põe abaixo todo o amor incondicional que apenas segundos antes dispensava ao mundo. Seria uma mensagem de Deus, alertando-a sobre a ingenuidade de se entregar de forma desprevenida a um amor incondicional pelo mundo? Fosse o que fosse, ela se sente insultada pela grosseria e cruza de Deus, capaz de esmagá-la com tão pouco. Ela se sente vulnerável, mas também com muita raiva.

Da agitação e revolta, a protagonista passa então para outro estado. Começa a refletir que o rato também faz parte do mundo e ela, achando no início que estava pronta para abraçar toda a existência, percebe agora que talvez não esteja preparada para tudo. Como ser mãe de todas as coisas se não consegue pegar um rato na mão, este rato que existe tanto quanto ela? Este rato que provoca nela sentimentos horríveis, cuja morte ela aprecia e deseja, por mais difícil que seja admitir que existe esta espécie de desejo dentro de si mesma. O Deus pelo qual ela por um segundo de grandeza deixou-se amar, conclui, é um Deus por ela inventado. Ela não é de todo inocente, a brutalidade que há na imagem do rato morto também existe dentro dela e só quando conseguir abraçar também a isso poderá, enfim, amar o mundo por inteiro.

A partir da história apresentada acima, foram elencados cinco conceitos da Psicologia Analítica para nortear a análise do conto: símbolo, persona, sombra, individuação e *Self*. É importante, antes de partir para a análise em si, ter-se claro o conjunto de conteúdos que cada um destes conceitos engloba. Começando pelo símbolo, ele é a melhor forma encontrada pela psique para representar algo desconhecido, sendo inesgotável em significados e causando grande impacto na consciência para a qual se apresenta. A produção simbólica aparece como forma de conciliar conteúdos conscientes e inconscientes, tendo as funções de conectar estes conteúdos, revelar à consciência aspectos inconscientes da psique e transformar a energia daquilo que está inconsciente de forma que possa ser acessado pela consciência. Os símbolos são construídos através da atuação da psique como um todo, construção esta que é operada pela função transcendente, que vai para além dos opostos, unindo no símbolo aspectos das duas polaridades (consciente e inconsciente). O desenvolvimento psíquico caminha no sentido de maior integração dos conteúdos inconscientes e conscientes, de forma que o símbolo é uma importante ferramenta neste processo.

A elaboração simbólica, enquanto atividade da consciência, busca analisar e interpretar os símbolos que atravessam a parte consciente da psique. É importante pontuar que nos símbolos há elementos da consciência, do inconsciente pessoal e também do inconsciente coletivo. Através da elaboração simbólica, para a qual a disposição do ego é muito importante, são investigados a fundo os elementos constituintes do símbolo, cujas raízes são buscadas nas experiências pessoais do sujeito e também naquilo que é coletivo. Em relação ao coletivo, rea-

liza-se um exercício de ampliação, buscando o que naquele símbolo ultrapassa o universo da pessoalidade. Os símbolos também carregam grande relação com o contexto social, histórico e pessoal (momento de vida) do sujeito. Todos estes aspectos são analisados na elaboração simbólica, a qual colabora, dessa forma, para a maior integração da psique.

Além do símbolo, também são importantes, para a análise do conto, os conceitos de persona e sombra. Enquanto o ego é tudo aquilo que é reconhecido pelo sujeito como sendo ele mesmo, a persona é aquele aspecto da psique que é mostrado ao mundo, é uma espécie de máscara social. A persona é formada a partir dos anseios do próprio indivíduo (aquilo que espera dele mesmo) e das exigências e normas da sociedade. A persona é um complexo funcional ativo com núcleo arquetípico, sendo muito importante para a adaptação social, ou seja, para a adoção de atitudes congruentes com o contexto, ajudando no estabelecimento de relações adequadas com os objetos externos e servindo como proteção contra sensações de culpa e vergonha ao encobrir para a sociedade aspectos do sujeito que seriam mal recebidos e rejeitados. Stein (1998/2006) explicita que a persona “[...] significa a pessoa-tal-como-apresentada, não a pessoa-como-real. A persona é um construto psicológico e social adotado para um fim específico” (p. 102).

Já a sombra, por outro lado, é constituída por tudo aquilo que o ego rejeita. O não reconhecimento destes aspectos pelo ego, porém, não faz com que deixem de existir, eles ficam no inconsciente, ganhando mais força conforme mais intensamente forem reprimidos. Basta um gancho externo para que tais conteúdos sejam projetados sobre outras pessoas, ou seja, a consciência percebe-os no mundo externo, o que gera reações como raiva e irritação, sem haver o reconhecimento de que tais reações estão ligadas justamente ao fato de o sujeito ter estes conteúdos também dentro si mesmo. Nem tudo o que compõe a sombra é necessariamente ruim. Na verdade, estes conteúdos encontram-se indiferenciados, podendo até mesmo serem construtivos caso a consciência consiga de alguma forma olhar para eles e integrá-los. Se forem consistentemente reprimidos, porém, ganham mais e mais força e podem irromper de forma destrutiva, apossando-se de forma completa do ego, uma vez que a sombra é um complexo e, como todo complexo, pode ser constelada. Nesse sentido, a integração dos conteúdos da sombra à consciência é muito importante.

A persona e a sombra constituem um par de opostos, duas polaridades da psique, sendo a integração de aspectos dos dois lados é fundamental no processo de desenvolvimento psicológico. Stein (2006) expõe que “[...] a integração depende da aceitação pela pessoa de si mesmo, da plena aceitação daquelas áreas ou partes de nós mesmos que não pertencem à imagem da persona, a qual é usualmente a imagem de um ideal ou, pelo menos, de uma norma cultural” (p. 112).

Pensando neste processo de integração de opostos, é inevitável a descrição do conceito de individuação, que diz respeito ao processo através do qual a psique busca integrar da melhor forma possível conteúdos conscientes e inconscientes. Ele pode ser dividido em algumas etapas, as quais não se dão de forma totalmente ordenada e delineada, mas no que pode ser colocado como movimento em espiral. A forma como cada sujeito passa por este processo é singular, as etapas não costumam ser todas cumpridas e aspectos de uma podem manifestar-se ao mesmo tempo que aspectos de outras.

A primeira etapa é caracterizada pela participação mística: identificação total da consciência com o mundo circundante. A segunda está relacionada ao fortalecimento do ego. O sujeito é inserido na sociedade (aculturação) e passa a projetar seus conteúdos não mais de forma tão indiferenciada, mas sobretudo sobre outras pessoas, como pai, mãe, professores... que passam, através da introjeção, a modelar o sujeito. A terceira é a etapa na qual as projeções recaem sobre grandes ideias, símbolos e filosofias. As projeções são, então, transferidas de figuras concretas para conceitos que demandam maior abstração. A quarta é a etapa na

qual o próprio ego torna-se recipiente das projeções, deixando de conferir ao outro aquilo que lhe é mais significativo e passando a conferir tais qualidades a si mesmo, o que pode resultar em uma superinflação egóica. Na quinta etapa o sujeito começa a perceber a psique como independente, tomando consciência de que não é senhor de si mesmo, mas sim fortemente influenciado por tendências inconscientes sobre as quais não tem controle. Há então uma limitação do ego e grande integração entre consciente e inconsciente. Pode-se também falar de uma sexta etapa, na qual consciente e inconsciente, sujeito e mundo, passam a integrar um todo unificado e indiviso.

É importante apontar que a individuação é um processo que tem uma orientação, uma finalidade, buscando integrar aspectos inconscientes à consciência. A psique é palco de uma constante tensão de opostos e, quando há um desequilíbrio, é buscada uma compensação. É muito provável que conteúdos fortes e sistematicamente reprimidos pelo ego irrompam de forma intensa na consciência, irrupção esta que equilibra a energia gasta na repressão intensa. Há, dessa forma, a atuação de um mecanismo compensatório, que move a psique no sentido de encontrar o justo equilíbrio entre as polaridades. A integração consciente e inconsciente é central nesta busca por equilíbrio.

Tendo em vista tudo isso, pode então ser apresentado um dos conceitos centrais da Psicologia Analítica, o conceito de *Self*, elaborado por Jung em uma fase na qual mergulhou em um maior confronto com o inconsciente. O *Self* é definido como um todo integrado, como se fosse um organismo autogestor da psique. É colocada, então, a ideia de que a psique de alguma forma, gere a si mesma e de que, em todo movimento psíquico, há o envolvimento de todas as dinâmicas psíquicas, nada se dá de forma isolada. O *Self* transcende a própria psique, sendo, além de psíquico, também psicóide. Sua potencialidade é arquetípica, todos os arquétipos derivam dele, que é o responsável por organizar as mensagens que vêm do inconsciente. Há um eixo de diálogo entre o *Self* e o ego. A fluidez deste diálogo depende de um ego fortalecido, que dê conta de integrar os conteúdos inconscientes à psique, não se deixando tomar completamente por eles, mas também, não os rechaçando desmedidamente.

O si-mesmo gera símbolos compensatórios de integração quando o sistema psíquico corre o risco de se fragmentar. Esse é o ponto em que intervém o arquétipo do si-mesmo num esforço para unificá-lo.

[...] A tarefa do si-mesmo parece ser a de manter o sistema psíquico unido e em equilíbrio. A sua meta é a unidade. Essa unidade não é estática mas dinâmica. (STEIN, 1998/2006, p. 144).

Uma vez apresentados todos os cinco conceitos utilizados para a leitura junguiana do conto de Clarice Lispector, pode-se então partir para a análise em si. Começando pelos dois primeiros parágrafos, nos quais a personagem descreve sua sensação de ternura imensa pelo mundo. Ela afirma sentir-se como a mãe de Deus, profundamente conectada com tudo que a cerca. Um pouco antes de ser invadida por essas sensações todas, ela afirma que passeava sem pensar em nada específico, sentindo-se totalmente livre. A existência humana é permeada por uma série de amarras pessoais e coletivas. Cada um de nós carrega consigo uma máscara social, que é como se apresenta ao mundo. Pode-se pensar que o estado de liberdade, no qual a personagem encontrava-se, ocorreu devido a um desvenilhamento momentâneo de todas estas amarras. Ela parece aberta ao mundo e sente-se integrada àquilo que a rodeia. Mesmo que por apenas um momento ínfimo, ela sente-se como a mãe de tudo o que existe, como se estivesse, de alguma forma ligada a todas as coisas existentes. Ela desveste, por um segundo, a máscara social e, ao mesmo tempo desfaz-se da ideia de ser um sujeito isolado do mundo. É como se ela entrasse em contato com algo que transcende ela própria, saindo das

polaridades que constituem o mundo e inserindo-se dentro de um todo integrado.

Pensando em termos junguianos, talvez ela tenha entrado em contato com a potencialidade arquetípica do *Self*. Este é o mais impessoal de todos os arquétipos, sendo transcendente, até mesmo, à psique. Ao perceber o mundo unido a ela mesma, parece que a protagonista capta esta sensação interna de unidade e coesão e expande-a para o mundo externo. Alguns aspectos das etapas do processo de individuação também aparecem nestas linhas iniciais do conto. Pode-se pensar em um estado de inflação do ego, uma vez que a personagem entra em contato com um dos conceitos que estruturam sua psique, a ideia de todo integrado, e passa a projetar isso tudo em si mesma: ela é a mãe de Deus, a mãe do mundo. O ego, enquanto recipiente de projeções, é uma característica da quarta etapa da individuação. Conteúdos inconscientes começam a ser integrados, o que muitas vezes resulta em superinflação egóica. Poderia, até mesmo, pensar-se que, ao colocar a ideia de Deus como central em suas reflexões, a personagem demonstra também algumas características da terceira etapa, também projetando conteúdos em figuras e ideias abstratas. Há, no texto, indícios de que Deus aparece como uma espécie de metáfora para tudo aquilo que transcende o próprio sujeito, muito mais do que uma figura concreta, mas sim, algo que abarca absolutamente tudo o que existe. "Por puro carinho eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo." (LISPECTOR, 1998, p. 41). Novamente aqui a ideia de um mundo estruturado de forma a compor um todo unificado. O arquétipo do *Self* mostrando-se como organizador não só da psique, mas também, como de todo o conto.

Avançando um pouco no texto, as sensação de liberdade e amor absoluto são brutalmente afastadas pela presença de um rato morto na rua. A reação da personagem a esta figura é completamente desproporcional e irracional.

Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarteirão encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queria mais ver. [...] O meu medo desmesurado de ratos. (LISPECTOR, 1998, p. 42)

O que significa este rato para a personagem? Por que esta reação tão exagerada? Ela conta, ao leitor, que não é apenas aquele rato específico, mas todos os ratos que a deixam neste estado: ela tem um medo desmesurado de ratos, um "[...] pavor que desde pequena me alucina e persegue, os ratos já riram de mim, no passado do mundo os ratos já me devoraram com pressa e raiva" (LISPECTOR, 1998, p. 43). Cabe, aqui, pensar na figura do rato como um símbolo para ela. Um amálgama de conteúdos conscientes, inconscientes pessoais e inconscientes coletivos; o símbolo tem este poder mobilizador intenso em relação ao sujeito.

Não conhecemos o bastante a respeito desta mulher para investigar por completo o papel dos ratos em sua história pessoal e suas possíveis associações com conteúdos de uma ordem mais ampla, coletivos, mas eles claramente são, para ela, carregados de numinosidade, mobilizando-a fortemente. Ao colocar que este medo já existia em sua infância, talvez, esteja referindo-se a eventos traumáticos de sua vida, ou então apenas a um medo que sempre a perseguiu, desconectado de eventos concretos. Não há como saber. Ela ainda diz já ter sido devorada por ratos no passado do mundo. Seria este passado do mundo uma referência a tempos remotos de sua própria infância? Ou, por outro lado, uma forma de atribuir, ao seu pavor, origens que extrapolam a personalidade, colocando-o como enraizado nos medos mais profundos da própria humanidade, sendo, então, o passado do mundo uma referência ao arcabouço de conteúdos coletivos, com os quais todo ser humano nasce? Também não há uma resposta para isso, mas as duas al-

ternativas podem ser consideradas como válidas e agregam mais força à ideia do rato como símbolo para a personagem. Além disso, os símbolos são considerados a melhor expressão possível de algo que está em processo na psique. Esta ideia será retomada mais à frente, ela vai sendo construída ao longo de todo o conto.

Depois do susto inicial com o rato, a personagem sente raiva, muita raiva. Ela estabelece uma conexão entre seu sentimento de abertura e conexão com o mundo e o aparecimento do rato morto. Ela coloca o rato como seu contraponto, um lembrete de Deus de que o mundo não é tão belo e inocente como ela pensara, mas que também tem um lado bruto, selvagem, violento. Ela quer vingança. A imagem do rato desperta o que há de pior dentro dela. Ela acreditava estar em comunhão com tudo o que há no mundo, mas percebe que não, não estava. Sua percepção de integridade estava um tanto incompleta, ela havia excluído os aspectos do mundo que não lhe agradavam. Do mundo e dela mesma. A violência e brutalidade evidentes no rato morto estão, também, dentro dela. Se antes ela estava repleta de amor, vê-se, de repente, sentindo raiva e querendo vingar-se. Cai a máscara que protegia a ideia dela mesma como aquela que carrega apenas amor e bondade. Sua persona e seu ego sofrem um choque.

Percebemos, então, junto com a protagonista, que, naqueles momentos iniciais ela não estava realmente liberta de todas as amarras. Ela não estava englobando tudo, integrada à completude do mundo, mas apenas a uma parte deste. Sua máscara não estava fora de jogo, mas sim firmemente pegada ao seu rosto. Ela incomoda-se tão profundamente com o rato porque ele a faz perceber características dela mesma que a incomodam, que não encaixam-se em sua persona, que foram banidos por seu ego. E além disso tudo, ela admite sentir prazer na ideia de morte: o rato está morto e esta condição agrada-a. Percebe-se, aqui, a ideia de processo mencionada, processo de integração à, consciência, de porções de sua instância psíquica, até então, completamente reprimidas. O rato, enquanto símbolo, aparece, para ela como sinal deste processo e, até mesmo, como uma forma de compensação das polaridades. Ao ver-se tomada, diante do rato, por tais sensações fortes e violentas é como que obrigada a olhar para este seu lado bruto. É quase como se o seu próprio inconsciente tivesse materializado na rua o corpo morto do rato, buscando o devido equilíbrio psíquico entre o que ela aceita e o que ela reprime em si mesma.

Deus poderia, então, ser aqui entendido como uma metáfora para a força organizadora da psique? Seria Deus o próprio *Self*, aquele que manda, à consciência, mensagens provindas do inconsciente? Talvez, esta seja uma interpretação um pouco exagerada, mas não de todo desconexa. Clarice Lispector é uma escritora um tanto complexa, seus textos abrem portas para uma infinidade de reflexões. Por mais que a personagem pareça tomar Deus como uma entidade concreta, a quem pode dirigir-se como se falasse com uma pessoa, ela mesma, conforme já mencionado, iguala esta entidade à Terra e ao mundo. Ao todo. Por que não, então, à totalidade psíquica? Pensando, então, neste sentido, cabe ressaltar outro sentimento incômodo que se revela à personagem, ao topar com o rato: a vulnerabilidade.

Se antes ela sentia-se a mãe do mundo, senhora e irmã de todas as coisas; ela, agora, percebe o quão frágil é a sua condição, afinal, um simples corpo de rato morto na rua já a desestabiliza por completo. "Mas que vingança poderia eu contra um Deus Todo-Poderoso, contra um Deus que até com um rato esmagado podia me esmagar? Minha vulnerabilidade de criatura só" (LISPECTOR, 1998, p. 43). Lembrando que as etapas do processo de individuação não se dão de forma linear, aqui aparecem algumas características da quinta etapa. Cai a ilusão de que ela é senhora de si mesma. Há algo maior e mais forte que sobrepuja seu ego, que é, então, obrigado a desinflar-se. Ela não é mais a mãe de Deus, deste Deus que está em todos e em tudo, inclusive, no rato morto, mas não mais projetado nela mesma.

Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encará-Lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? no rato? naquela janela? nas pedras do chão? Em mim é que Ele não estava mais. Em mim é que eu não O via mais. (LISPECTOR, 1998, p. 43)

Ela sai do centro de si mesma e percebe-se impotente diante deste Deus, que está em todo lugar. Submetida a forças maiores do que ela, vê que não pode ser a mãe do mundo, pois no mundo, há algo que se move independentemente do que ela entende por ela. Na quinta etapa, a psique é percebida como uma entidade independente. Parece que a protagonista do conto tem um relance desta ideia, ao perceber a própria vulnerabilidade.

Esta percepção, em um primeiro momento, revolta-a. Porém, pouco depois, ela começa a refletir sobre suas próprias reações frente ao rato. Ela olha para si mesma e se dá conta de que a impossibilidade de ser a mãe do mundo não é porque sente-se sobrepujada por este indolente Deus Todo-Poderoso, mas porque ela não é ainda capaz de abraçar tudo o que há no mundo. Ela não é capaz de abraçar os ratos esmagados do mundo.

[...] mas quem sabe, foi porque o mundo também é rato, e eu tinha pensado que já estava pronta para o rato também. Porque eu me imaginava mais forte. [...] Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil.[...] É porque ainda não sei ceder. É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria - e não o que é. É porque ainda não sou eu mesma, (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Ao olhar para tudo isso de forma crítica e reflexiva, a personagem engaja-se em um exercício de integração, à consciência, de alguns de seus aspectos inconscientes mais sombrios. Pode-se, até mesmo, pensar em um processo de elaboração simbólica, já que ela, operando através da consciência e contando com um ego disposto a levantar as hipóteses transcritas no trecho acima, analisa a fundo o que o rato morto significa para ela. Ela percebe que ainda não é ela mesma: há muitos aspectos de sua identidade que estavam submersos, que ela se negava a aceitar. "É porque só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão. Sei que nunca poderei pegar num rato sem morrer de minha pior morte." (LISPECTOR, 1998, p. 44). Pegar o rato, seguindo a linha de análise aqui adotada, representa a integração de aspectos que, até então, estavam na sombra. Pegar o rato significa morrer de sua pior morte, pois não há como integrar estes aspectos à sua consciência, à ideia que faz de si mesma, à sua persona, sem desconstruir sua máscara e ego anterior. A junção destes novos conteúdos àqueles que já eram conscientes forma uma identidade nova. A protagonista está em pleno processo de integração de conteúdos inconscientes à consciência; é a partir daquilo que o rato desperta nela que sua psique engaja-se em um movimento de superação dos opostos. A condição do rato, enquanto símbolo, torna-se ainda mais clara.

[...] se os dois pólos são mantidos em tensão, uma solução surgirá se o ego puder livrar-se de ambos e criar um vazio interior no qual o inconsciente possa oferecer uma solução criativa na forma de um novo símbolo. Esse símbolo apresentará uma opção de movimento para diante que incluirá algo de ambos - não simplesmente um meio-termo mas um amálgama que requer uma nova atitude por parte do ego e uma nova espécie de relação com o mundo. Esse processo pode ser observado quando [...] superam seus antigos conflitos, assumem novas personas e integram partes antes inaceitáveis de si mesmas. (STEIN, 1998/2006, p. 113)

A raiva, a violência, o prazer na morte, a vulnerabilidade. Todos estes são

aspectos que a personagem descobre em si mesma. "Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. [...] Talvez eu tenha que chamar de "mundo" esse meu modo de ser um pouco de tudo" (LISPECTOR, 1998, p. 44). Então, se antes seu ego e sua persona eram definidos por uma ideia de delicadeza, agora englobam também facetas mais obscuras, os crimes que habitam o interior da personagem. Não apenas habitam, mas coabitam, uma vez que ela reconhece que olhar para as coisas como se elas fossem isoladas não é o melhor jeito. O delicado e o violento, o agradável e o grotesco são partes de um todo. "Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala" (LISPECTOR, 1998, p. 44). Além disso, ela reconhece dentro de si a repressão do que não lhe agrada. Percebe que submetia-se a uma imagem incompleta de si. Sua persona e seu ego sofrem um choque violento. É como se, a partir do contato com o rato, a sombra enquanto complexo ativo tivesse constelado-se, sobrepondo-se ao ego e dominando, por um momento toda a consciência.

Eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse. Porque eu, que de mim só consegui foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu, eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu. (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Pode-se pensar, dessa forma, em um movimento de integração de opostos. Ela (aspectos conscientes sobre si mesma) e o rato (aspectos inconscientes, sombra). Opostos estes que são apenas uma porção ínfima de tudo o que há dentro dela. Há, ainda muito, a ser reconhecido e integrado; ela mesma admite que ainda não se percorreu por inteiro. "Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus" (LISPECTOR, 1998, p. 45). O ego da personagem mostrou-se fortalecido o suficiente para elaborar as mensagens enviadas pelo inconsciente e integrá-las à percepção dela sobre ela mesma.

A finalidade do processo de individuação da psique é a integração de conteúdos inconscientes à consciência. Isso é muito bem retratado ao longo do conto, que mostra uma parte deste processo. O leitor depara-se, ao final do conto, com uma personagem transformada. O movimento do qual ela tornou-se consciente, porém, não termina com o conto. Ela mesma coloca a ideia da vida como um jogo, cuja continuidade depende do constante movimento de reconhecimento e integração dos contrários. "Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe." (LISPECTOR, 1998, p. 45). A unidade psíquica estabelece-se a partir do dinamismo, o movimento não cessa nunca.

Os conceitos da Psicologia Analítica, dessa forma, podem ser amplamente relacionados à escrita de Clarice Lispector. Vemos uma personagem que entra em contato com a ideia de totalidade, mas, neste contato, reprime o que lhe é incômodo. Depara-se, então, com algo que lhe é um símbolo, que mobiliza forças muito intensas dentro dela e a faz entrar em contato com aspectos submersos de sua psique. Integra, então, à ideia de totalidade, mais elementos do que, inicialmente, havia considerado. Percebe a unicidade dos contrários e passa por uma intensa transformação, desfazendo-se de sua persona e ego antigos e integrando a ela aspectos de sua sombra. A individuação continua, então, seu caminho. A percepção consciente da psique como dinâmica e integrada é um processo contínuo, em constante transformação. A protagonista, provavelmente, ainda terá muitos ratos a encarar pela frente. ❏

## Referências

- 
- LISPECTOR, C. *Felicidade Clandestina*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.  
STEIN, Murray. *Jung O mapa da alma*. Uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.